

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**José Paulo Barbosa**

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO MISTAS E SEPARADAS  
POR SEXO: QUAIS AS IMPLICAÇÕES NO COMPORTAMENTO E  
APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE  
DE PORTO ALEGRE?**

**Porto Alegre  
2012**

**José Paulo Barbosa**

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO MISTAS E SEPARADAS  
POR SEXO: QUAIS AS IMPLICAÇÕES NO COMPORTAMENTO E  
APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE  
DE PORTO ALEGRE?**

Relatório Final de Pesquisa realizado na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito obrigatório para aprovação no curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Professora Denise Grosso da Fonseca

**Porto Alegre  
2012**

## RESUMO

O objetivo principal do estudo foi refletir sobre as possíveis implicações da organização das turmas separadas por sexo ou mistas no comportamento e aproveitamento dos alunos nas aulas de Educação Física, uma vez que na escola em pauta, as turmas são organizadas separadas por sexo, nas aulas de Educação Física. Tal situação vivenciada por ocasião do estágio curricular apresenta uma temática que tem sido discutida na área, problematizando questões que instigam novos debates. Nesse sentido foi desenvolvido um referencial teórico enfocando Educação Física, prática desportiva, gênero e coeducação, ampliando a compreensão sobre conceitos que atravessaram a interpretação dos elementos coletados na pesquisa. Este trabalho é uma pesquisa de natureza qualitativa, configurada através de um estudo de caso desenvolvido em uma Escola Pública Estadual de Ensino Médio da cidade de Porto Alegre. Foram utilizadas como estratégias de coleta de dados, entrevista semiestruturada e observação. A análise dos dados permitiu identificar que existem posições diferentes quanto às formas de organização das turmas. Com relação às turmas mistas, embora não seja a forma de organização adotada pelos professores da escola, a manifestação dos interlocutores aponta para a possibilidade de melhorar o relacionamento e interações entre os alunos, bem como desenvolver o respeito às diferenças. A separação das turmas por sexo é justificada na escola através do argumento, de que há falta de motivação das meninas para as aulas, de que as diferenças biológicas e psicológicas entre os sexos evidenciam menores possibilidades de rendimento e habilidades motoras por parte das meninas. Na visão dos alunos a separação se justifica a partir dos medos e constrangimentos causados pela agressividade e imaturidade dos meninos e pela falta de liberdade dos meninos nas aulas mistas. O estudo sugere que a organização das turmas separadas por sexo ocorre a partir da visão e orientação dos professores de Educação Física, fato que é assumido pela direção da escola que parece acatar sem promover uma reflexão sobre a situação. O trabalho realizado com turmas mistas e aulas coeducativas surge como uma possibilidade de solução dos problemas encontrados nesta pesquisa.

**Palavras chaves:** Educação Física no Ensino Médio; Gênero; Coeducação

## **ABSTRACT**

The main objective of this paper was reflect on the possible implications of the organization of the classes separated by gender or mixed in behavior and student achievement in classes of physical education, once in the mentioned school Physical Education classes are organized by separate gender. Such situation experienced during the curricular internship presents a theme that has been debated in the area, discussing issues that instigate further debate. Therefore it was developed a theoretical framework focusing on physical education, sports, gender and coeducation, broadening the understanding of concepts that crossed the interpretation of the elements collected in the research. This paper is a qualitative research, configured through a case study developed in a Public State High School of Porto Alegre. The strategies used to collect data were semistructured interview and observation. The data analysis identified that there are different positions regarding the forms of class organization. With relation to mixed classes, although not the form of organization adopted by the school teachers, the manifestation of the interlocutors indicates the possibility of improving the relationship and interactions between students and developing respect for differences. The separation of classes by gender is justified in the school by the argument that there is a lack of motivation from girls, where biological and psychological differences between genders demonstrate lower performance capabilities and movement skills of the girls. In the view of the students the separation justified by the fears and constraints caused by the boys aggressiveness and immaturity, and their lack of freedom when the classes are mixed. The study suggests that the organization of classes separated by gender occurs from the vision and guidance of the teachers of physical education, a fact that is assumed by the school which seems to accept without further reflection on the situation. The work with mixed groups and coeducational classes emerges as a possible solution of the problems found in this research.

Keywords: Physical Education in High School; Gender; coeducation is

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>09</b>
2.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	09
<b>2.1.1 Gênero, sexo e sexualidade.....</b>	<b>09</b>
<b>2.1.2 Gênero e a Educação Física.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1.3 Gênero, prática desportiva e coeducação.....</b>	<b>14</b>
2.2 METODOLOGIA.....	16
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	20
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>4 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE A - PAUTA DA OBSERVAÇÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE B - PAUTA DA ENTREVISTA COM OS ALUNOS.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE C - PAUTA DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE D - PAUTA DA ENTREVISTA COM A DIREÇÃO DA ESCOLA.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO B - DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No segundo semestre do ano de 2011, para cumprimento do estágio no Ensino Médio que faz parte do curso de graduação de licenciatura em Educação Física da UFRGS, ministrei aulas no Colégio Estadual Inácio Montanha, localizado na Av. João Pessoa na cidade de Porto Alegre, RS.

Entre os espaços destinados às aulas de Educação Física a escola conta com uma sala de ginástica equipada com espelhos, colchões, aparelho de som, conta também, com um ginásio de porte pequeno, contendo: um cômodo com armários para guardar materiais, banheiros e vestiários masculinos e femininos e um palco situado entre os banheiros e os vestiários. Além disso, a escola possui na área externa uma quadra poliesportiva, localizada entre o ginásio e o pátio onde circulam os alunos nos intervalos de aula. Junto ao muro externo, do outro lado do ginásio existe um pequeno espaço com piso de cimento que também pode ser aproveitado nas aulas de Educação Física caso não chova.

Esses espaços são ocupados e divididos de forma alternada pelos dois professores de Educação Física da escola, ambos do sexo masculino, enquanto um dos professores utiliza o ginásio e/ou o pátio nos fundos, o outro, fica com a sala de ginástica ou a quadra poliesportiva externa. A cada quinze dias os espaços são permutados. Durante as aulas, as turmas são divididas por sexo da seguinte maneira: são unidas duas turmas mistas do mesmo ano, desta união, formam-se duas turmas novas de meninos e meninas. Assim, o professor “A” ministra suas aulas para as turmas de meninos e o professor “B”, para as turmas de meninas, sendo que, no semestre em que estagiei, uma das turmas permaneceu mista.

Durante meu estágio, trabalhei na escola com dois grupos diferentes de alunos, na segunda-feira uma turma de meninas do primeiro ano, formada pela união de duas turmas T103 e T104, e na quarta-feira tive a oportunidade de trabalhar com a turma mista de segundo ano, T201.

Muitas foram as diferenças por mim percebidas entre as meninas dos dois grupos em relação a aspectos sociais e motores. As meninas do grupo misto formavam uma turma compacta, homogênea, com uma boa integração, participação e desenvoltura. Já a turma formada apenas por meninas era heterogênea e bastante dividida. Notei que no início das aulas, na turma feminina eram formados pequenos grupos ocupando vários espaços, além disso, quando essas meninas eram solicitadas para opinarem sobre a prática a ser desenvolvida havia bastante discordância. Em atividades desportivas elas demonstravam pouco interesse e um menor nível de habilidades em relação às integrantes do grupo misto.

O fato que marcou a minha experiência no estágio foi encontrar num mesmo ambiente, no caso, no Colégio Inácio Montanha, dois grupos de meninas tão distintos durante as aulas de Educação Física. A separação por sexo pode ter sido o fator fundamental na diferença entre os dois grupos, contudo, outros fatores podem ser considerados. Deve-se levar em conta que os professores de Educação Física que atuam nessa escola, destinados a cada grupo de meninas (grupo misto e separado), são diferentes. O professor que ministra aulas para o grupo misto é o mesmo que ministra aulas para a turma masculina, portanto, ele trabalha com metodologia de ensino diferente do seu colega, outro fator é a diferença de idade entre os dois grupos de alunos por se tratar de turmas de primeiro e segundo ano, enfim, muitos são os aspectos e contextos que podem justificar tais diferenças.

Considerando a especificidade do tema relacionado a questões de gênero, e também a predominância da prática esportiva como conteúdos das aulas, para subsidiar este estudo serão abordados estudos sobre gênero, sobretudo gênero na Educação Física e no esporte.

Na Educação Física escolar o esporte é uma das práticas corporais mais desenvolvidas, este é, culturalmente, considerado reprodutor de padrões masculinos, de virilidade e força enquanto que a ginástica e a dança, não tão difundidas no meio escolar, identificam-se com modelos feminino de leveza e graciosidade. Nas práticas esportivas algumas pré-disposições são exigidas, é preciso um bom entrosamento entre os praticantes e um mínimo de conhecimento da técnica, afetando, em especial, o público feminino, que precisa vencer vários obstáculos seja pelo nível de habilidade, seja pela exposição de seus corpos ou pela disputa de força e competitividade, condição natural do esporte. Situação parecida acontece com o público masculino quando o conteúdo da aula trata-se de ginástica ou dança, apesar dessas atividades não possuírem um caráter competitivo na escola e, portanto, não exigirem um alto grau de dificuldade para os iniciantes, o principal obstáculo encontrado pelos meninos nestas atividades é vencer preconceitos quanto a sua sexualidade, desencadeando assim, apelidos pejorativos. Na escola e nas aulas de Educação Física são reproduzidos padrões de comportamento sociais que restringem a participação de meninos e meninas em uma ou outra atividade.

Nessa perspectiva, a presente investigação tem como objetivo geral: refletir sobre as possíveis implicações da organização das turmas separadas por sexo ou mista no comportamento e aproveitamento dos alunos nas aulas de Educação Física. Em continuidade, os objetivos específicos são: esclarecer as razões que levam os professores de Educação Física da escola a separarem os alunos por sexo. Conhecer a posição da direção da escola sobre a

decisão de separar. Compreender a visão dos alunos sobre as aulas mistas e separadas. Identificar quais as possíveis vantagens e desvantagens decorrentes da separação.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 REVISÃO DE LITERATURA

#### 2.1.1 Gênero, sexo e sexualidade

A palavra gênero assume vários significados na língua portuguesa, vejamos alguns segundo o dicionário<sup>1</sup>, S.m. Grupo da classificação dos seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes: o lobo é uma espécie do gênero "*canis*"; todas as espécies de roseiras são agrupadas no gênero "rosa". Maneira de ser ou de fazer: "é esse o seu gênero de vestir-se". Gênero literário, variedade da obra literária, segundo o assunto e a maneira de tratá-lo, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático. Gênero humano, a espécie humana. Gênero de vida, modo de viver, de proceder.

No sentido específico e particular que interessa nesta pesquisa, a palavra gênero não é encontrada nos dicionários. Neste estudo abordo o significado de gênero como um construto social que considera vários aspectos subjetivos relacionados a diversos contextos levando em conta o tempo e espaço. Considerando a compreensão de gênero de Scott (1995, p. 86) como um "[...] elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o primeiro modo de dar significado às relações de poder [...]", percebe-se que gênero é uma categoria social e histórica, passível de transformações. "Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre gêneros: a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori" (LOURO, 1999, p.23).

Assim que nascem, os sujeitos já trazem determinadas estruturas morfológicas que os predis põem a viver como homens e mulheres, porém, há todo um conjunto de outros determinantes – sociais, psicológicos, culturais – que podem conduzi-los a se construírem em oposição ou consonância com as características biológicas. A esse propósito, Louro (2001) lembra o equívoco de se conceder o par diferença- igualdade como um dilema, citando Scott (1988, p.46):

Lembra que a luta primeira se centrava na reivindicação da igualdade entre as mulheres e os homens (igualdade social, política, econômica). Avançando em suas teorizações, o feminismo vai responder à "acusação" da diferença transformando- a numa afirmação, ou seja, não apenas reconhecendo, mas

---

<sup>1</sup> DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, <http://www.dicio.com.br>, acesso em 04 de maio de 2012

procurando valorizar, positivamente, a diferença entre mulheres e homens. Críticos do movimento vão, então, colocar essas duas proposições – igualdade ou diferença – como alternativas inconciliáveis. Afinal, dizem eles, o que querem as mulheres, o que buscam afirmar: a igualdade ou a diferença? Scott observa que esse desafio representa uma armadilha, é uma “falsa dicotomia”, já que igualdade é um conceito político que supõe a diferença. [...] Na verdade, reivindica-se que sujeitos diferentes sejam considerados não como idênticos, mas como equivalentes.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas as formas como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma sociedade em um dado momento histórico. Assim, como salienta Sorj (1992) o gênero, diferentemente do sexo, é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. Faria Junior, (1981), faz uma distinção entre estes termos, referindo-se a sexo como a condição biológica de ser fêmea ou macho, e gênero como processos sociais, culturais e psicológicos que constroem e/ou reproduzem a feminilidade e a masculinidade. Segundo Goellner (2005, p. 208) “gênero é a construção cultural atribuída ao masculino e feminino, e sexo é o modo que o indivíduo vive sua sexualidade”. Entra aí mais um termo essencial para a compreensão deste trabalho e que necessita de um melhor esclarecimento, qual seja, a sexualidade.

Nos estudos e discursos sobre gênero fica relevante notar que, de algum modo, o pesquisador inclui ou engloba as questões de sexualidade Mac An ghail (1996). Ao longo de seus estudos, Weeks (1993, p.6) afirma inúmeras vezes que “a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo”. Compartilhando da posição de muitos outros estudiosos/as, ele fala da impossibilidade de se compreender a sexualidade observando apenas seus componentes ‘naturais’, “esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais” (p.21).

O sujeito é formado por um conjunto de características intrínsecas oriundas de sua constituição genética e cultura, a escolha de seu estilo de vida e desejos pessoais leva a caminhos que determinam sua identidade sexual.

Suas identidades sexuais se constituem, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, bissexuais (e,

ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc.). O que importa aqui considerar é que \_ tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade\_ as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento \_ seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade\_ que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO,1999,p.26 e 27).

A construção da sexualidade nessa dialética das etapas do desenvolvimento e da vida do ser humano, dentro de uma variedade de características efêmeras e permanentes, transforma, nega e afirma as diferentes identidades sexuais.

Na infância os valores são adquiridos e os comportamentos moldados conforme o meio social. A criança cresce interagindo com seus semelhantes e com as pessoas que a rodeiam de acordo com modelos culturais e históricos nos quais é educada. As observações e a interferência dos adultos que fazem parte do cotidiano e da educação do menor assumem papel importante na construção de estereótipos e padrões sexuais. Durante a socialização primária os comportamentos começam a se tornar sexualmente tipificados. Tanto a família quanto a escola, reproduzem e reforçam as diferenças sexuais ao criarem, a níveis de competência, as possibilidades para os papéis que cada gênero pode ou deve assumir.

No ambiente familiar essa concepção dos papéis masculino e feminino apresentada pelos pais é fruto de suas experiências infantis, juvenis, nas quais os mesmos foram inculturados segundo noções e estereótipos de gênero. Uma vez vivenciados determinados hábitos e práticas, é provável que repassem aos seus descendentes os modelos que experimentaram na infância. As idéias de Abreu (1993, p.7) vêm ao encontro desse discurso:

Afirmam os pais que as crianças escolhem espontaneamente os brinquedos apropriados para seu sexo, manifestando tendências bastante precisas [...] A obstinação da criança para obter justamente aquele brinquedo não passa de uma ulterior pseudo-escolha entre as opções já efetuadas a priori pelos adultos.

Essas situações, frequentemente, encontram-se presentes na vida das crianças, ao serem presenteados com miniaturas de casinhas e eletrodomésticos, bonecas em forma de bebês, são reforçadas características, representadas culturalmente, do papel feminino, que é o do lar, a dona de casa, a mãe. Por outro lado, quando os presentes são carrinhos, ferramentas de plástico, bolas de futebol, *skat*, é identificado o modelo masculino que é representado pelo provedor, de virilidade e dinamismo. Corroboram com essas afirmativas, as palavras de Abreu (1993, p.14):

[...] mais liberdade e aventura nos brinquedos e jogos considerados mais apropriados aos meninos.

[...] o tempo comportadamente arrumando panelinhas num mundo já restrito, estático –o mundo da cozinha- e que ainda se lhes apresenta miniaturizado.

Os papéis desempenhados na sociedade obedecem a diferenciações, culturalmente reproduzidas, de acordo com o sexo do indivíduo. O reforço da desigualdade, frente às possibilidades "permitidas" aos dois sexos, restringe para a mulher seu espaço de participação em atividades profissionais, culturais e corporais. As diferenças biológicas estabelecem restrições, limitações, pertinências que influenciam nas competências e, dessa maneira, determinam o que é apropriado ao homem e a mulher. As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

### **2.1.2 Gênero e a Educação Física**

Todo o espaço educativo atua como agente socializador dos seres humanos e junto com a família são responsáveis pela elaboração de valores, atitudes e preconceitos. A Educação Física escolar como parte integrante do todo educacional, além de trabalhar o desempenho físico dos alunos colabora também para a melhora de seu desenvolvimento cognitivo e das relações sociais. Durante a atividade física são mobilizados aspectos físicos \_ de corporalidade \_ mas também afetivos e de relacionamentos interpessoais. Maturana (1999) mostrou como as emoções têm um papel fundamental na construção do conhecimento. E, em decorrência disso, afirmou que só consegue viver na plenitude de sua capacidade humana o indivíduo que reconhece o papel das emoções no exercício de todas as atividades que constituem o seu cotidiano, incluindo-se aí Educação Física e, dentro dela, a produção do conhecimento.

Na escola, a Educação Física merece uma posição de destaque em relação às outras disciplinas. Enquanto nas outras disciplinas, geralmente os alunos permanecem sentados na carteira de maneira comportada, em silêncio, ouvindo o professor, dessa maneira, eles assumem o papel, geralmente, de meros expectadores. Já nas aulas de Educação Física a interação é maior, e mesmo sob a supervisão do docente os alunos podem se soltar, correr, brincar, conversar, enfim podem “agir” e interagir e esse tipo de comportamento tem um significado maior para as crianças porque tem mais a ver com a sua essência, sua condição natural. Altmann (2001) analisa o ambiente da Educação Física como um espaço privilegiado para fomentar as atitudes e comportamentos de autocuidado em relação ao corpo, justamente

por propiciar experiências de aprendizagem ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita. As aulas de Educação Física estão na preferência da maioria dos alunos simplesmente por estar mais próxima de suas realidades, daquilo que a criança gosta de fazer. A Educação Física envolve o ser humano por inteiro, mente e corpo integrados, trabalhando em sincronia, reunindo no mesmo tempo e espaço a teoria e a prática.

As atividades escolares deixam de fazer sentido quando existe a dicotomia entre corpo e mente, fica difícil encontrar um sentido real já que na vida essas duas dimensões do ser humano não podem ser separadas. Também a Educação Física fica fora do contexto escolar e social quando se separa meninos e meninas, já que nas outras disciplinas não se separa.

Também existe uma dicotomia entre os papéis masculinos e femininos na sociedade. Os desempenhos motores estão interligados aos processos crescentes de papéis sexuais por estarem enraizados à nossa dimensão simbólica e à construção histórica de valores e significados comuns com os quais definimos o que somos e o que queremos ser.

Tais valores aparecem na prática corporal das crianças, na sua maneira de jogar, de participar da vida social. Quando são colocados na roda de discussão e reflexão acabam por se revelar como principal fonte de significados para a construção social mais humana e menos polarizada, mais integrada e menos fragmentada, mais pacífica e menos guerreira da atividade física, na qual meninos e meninas possam viver suas diferenças e aprender a aceitar sua unidade em torno daquilo que é legitimamente humano (CASCO, 2010, p.77).

É a partir desse entendimento sobre suas capacidades e limitações que a criança constrói e amplia conceitos sobre gênero. Na produção do conhecimento e nas relações sociais, a categoria gênero torna-se muito importante, uma vez que "envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização social" (SORJ, 1992, p.16). Uma Educação Física sexista pautada na separação de atividades masculinas e femininas sob a ótica da limitação, principalmente das competências da mulher, é uma educação que perpetua a desigualdade e não permite a libertação e inclusão que a atividade educacional deve promover.

O corpo, trabalhado nas aulas de Educação Física, é preparado para exercer as atividades culturalmente determinadas para cada sexo. Nas atividades desenvolvidas junto aos alunos, meninos e meninas apresentam desempenho motor distinto. Essas diferenças são por nós educadores físicos, percebidas, assimiladas e, por muitas vezes, levadas em consideração, na montagem de nossas aulas, no intuito de manter essas distinções. Goellner e Fraga (2004) sinalizam que a separação de meninos e meninas, nos momentos destinados aos exercícios

físicos na escola, se dava em função de objetivos sociais diferenciados para esses sujeitos, para esses corpos, a partir de “proposições absolutamente naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher”, conseqüentemente, determinando práticas corporais diferenciadas.

### **2.1.3 Gênero, prática desportiva e coeducação**

Ao longo da História, as mulheres recebem um tratamento desigual em relação às oportunidades na vida social, gerando um desequilíbrio nas relações de poder entre homens e mulheres: os primeiros, educados para a vida pública, ocupam cargos importantes de chefia no trabalho enquanto elas são educadas para a vida privada, doméstica e desempenham profissões inferiores. Sobre a hierarquia entre os sexos, Meyer (2004, p. 9) salienta:

A força corporal foi, por muito tempo, um importante argumento, dentre outros, para explicar a superioridade dos homens sobre as mulheres. Características anatômicas como o tamanho e formato da bacia explicaram e justificaram a maternidade como destino natural da mulher.

Muitos argumentos tentam justificar a predisposição e o destino de homens e mulheres baseados no determinismo biológico. Este cerceamento de possibilidades, reprodutor de dominação cultural, se dá, não sem produzir violência simbólica que, nas palavras de Bourdieu e Passeron, repetidas por Saviani é: "todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força." (SAVIANI, 1995).

As crianças carregam consigo uma bagagem cultural que reproduz e incita comportamentos, valores, significados advindos dos mais diversos ambientes educativos. Segundo os autores Meyer e Soares (2004), as questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, inclusive o contexto escolar. Dessa maneira, adverte Sacristán (1995, p. 89), “a escola não opera no vazio; a cultura que ali se transmite não cai em mentes sem outros significados prévios”. A família, os amigos, os meios de comunicação, toda a forma de relação social contribuem com o aprendizado da criança e estão carregados de estereótipos de gênero.

Em meio a todas as disciplinas que compõe o currículo escolar é na Educação Física e, em especial, em atividades esportivas que as representações de gênero tornam-se mais latentes. O jogo de futebol e outros esportes de contato são considerados apropriados aos

meninos, enquanto que às meninas são destinados esportes como o voleibol e esportes “menos violentos”. Segundo Saraiva (2002) a Educação Física contribuiu para masculinizar o esporte e feminilizar as atividades rítmico-expressivas, socializando corpos masculinos e femininos, porém, separando-os.

Estudos comprovam que tanto os alunos quanto as alunas preferem aulas de Educação Física separadas quando o conteúdo é esporte, enquanto as meninas estão preocupadas com a violência dos meninos, eles preocupam-se com a dinâmica do jogo. Abreu (1993, p. 115) constatou que: “num primeiro momento há um bloqueio por parte dos meninos em aceitar praticar atividades junto com as meninas. Assim que estas meninas demonstram habilidade em executar determinada tarefa, este incômodo desaparece”. A exclusão das meninas em atividades esportivas não é pelo fato de pertencerem ao sexo feminino, e sim, por não demonstrarem habilidades suficientes para que o jogo “flua”.

Para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades nas atividades propostas pelo professor, fica inviável a separação da turma por sexo, já as aulas com turma mista possibilitam tal propósito. Contudo, nem sempre as aulas mistas são coeducativas, o simples fato de unir num mesmo espaço meninos e meninas não assume o ideal de coeducação. A coeducação tem como objetivo levar o/a aluno/a a vivenciar as mesmas experiências/possibilidades e oportunidades independentemente das diferenças e semelhanças dos atores/alunos. Além disso, as aulas coeducativas são uma prática na qual os alunos e alunas vivenciam momentos juntos que favorecem a problematização das questões de gênero inerentes às atividades.

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na educação física (SARAIVA, 1999, p.181).

O ideal coeducativo tem como finalidade problematizar as questões de gênero, proporcionando um entendimento da construção cultural das diferentes posições de poder, do feminino em relação ao masculino e vice-versa na nossa sociedade, tentando minimizar algum tipo de hierarquia entre os gêneros. Quando homens e mulheres são privados da liberdade e expansão de vivências, ambos perdem, na dança, por exemplo, como destaca Saraiva (2002) os arranjos de gênero custam mais aos homens do que às mulheres, por possibilitarem que estes manifestem a expressividade emocional/movimentos, aspectos que transgridem o que se

associa ao masculino pela sociedade; enquanto o contrário ocorre com o futebol no caso das mulheres.

É importante a desconstrução de estereótipos como forma de minimizar as discriminações e diferenças entre os sexos. No caso da Educação Física, e, conseqüentemente no esporte, segundo Gomes (2000), coeducação significa valorizar práticas motoras e vivências, associadas ao modelo cultural feminino, de modo que todas as alunas e alunos as experimentem, sem tornar o modelo masculino como único ou prevaiente. Nesta proposição, saliento a importância da atenção minuciosa do educador, sua percepção e empatia para a possibilidade de adaptações na escolha de sistemas e metodologias que devem servir de ferramentas na montagem de suas aulas, ou seja, o educador deve procurar uma maneira de ensinar onde impere a equidade nas relações de poder entre os gêneros e evitar qualquer tipo de exclusão. Porém, atualmente nas aulas de Educação Física, nota-se que nem sempre isso acontece, prevalecendo ainda uma cultura androcêntrica, onde tenta-se nivelar o desempenho motor dos alunos pelo mais habilidosos e pretende-se ainda que ambos os sexos não apresentem diferenças nas capacidades.

## 2.2 METODOLOGIA

Este estudo seguiu o modelo de pesquisa de corte qualitativo, esse modelo inicialmente tem como característica manipular informações recolhidas descrevendo-as e analisando-as para, numa segunda etapa, interpretar e discutir tendo como base a teoria. Nas pesquisas de corte qualitativo, as categorias de análise são construídas a partir das unidades de significado, e devem estar ajustadas às questões de pesquisas, que por sua vez devem estar sintonizadas aos objetivos da pesquisa. Essas categorias, na perspectiva de Flores (1994), deixam de ser unicamente uma ferramenta que o investigador utiliza para organizar seus dados e constitui por si mesma um produto de análise, um resultado da investigação.

O estudo de corte qualitativo é utilizado na Educação e nas ciências sociais, especialmente nas pesquisas que analisam relações e comportamentos complexos e subjetivos. Os principais instrumentos de coleta de que se utiliza a pesquisa qualitativa são: a observação, a entrevista e o questionário. No caso desta pesquisa foram utilizados os dois primeiros.

Neste trabalho, foi realizado um estudo de caso em uma escola pública de Porto Alegre. O estudo de caso se caracteriza por investigar um contexto particular e restrito. Exemplo de metodologia fenomenológica, o estudo de caso tem por objetivo o exame amplo de determinado fenômeno focado na compreensão da dinâmica existente num só lugar,

devendo ser concebido para ser capaz de receber facilmente as sensações do contexto que é considerado (COLLIS e HUSSEY, 2005).

Alguns autores como Stake (2000) e Godoy (2006) argumentam que o estudo de caso deve ser estudado em profundidade, analisando a identificação do objeto como único, sem necessidade de generalização. Nessa estratégia metodológica as generalizações não são possíveis, o propósito não é fazer inferências. Esse estudo baseia-se numa estratégia que se ajusta na tentativa de responder a problemas ou perguntas que se formatam em “comos” e/ou “porquês” ou se interessa por fatos contemporâneos e particulares

Como mencionado anteriormente, a observação foi um dos instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa, foi realizada de forma contínua e fez parte de todo o processo de investigação. A observação é um dos instrumentos de coleta de informações mais comuns nos estudos com pesquisa qualitativa. Durante a observação o pesquisador explora suas capacidades de percepção, no exercício desse trabalho ele pode se utilizar dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato.

Numa observação há uma relação entre o interior (sujeito) e o exterior (objeto). Num primeiro momento há uma absorção pelo sujeito das impressões dos objetos externos e num segundo momento, uma reflexão desencadeando processos mentais internos que classificam os objetos.

Outro instrumento de coleta utilizado nesta pesquisa foi a entrevista que ocorreu mediante à disposição dos entrevistados sendo marcada previamente. Basicamente, a entrevista consiste em um encontro com hora e local marcado entre entrevistador (es) e entrevistado (s). Diz respeito à prestações de informações de forma oral sobre determinado assunto.

A entrevista possibilita um maior aprofundamento do assunto previamente estabelecido no roteiro, também é um tipo de investigação que estabelece uma maior aproximação e criação de vínculos entre seus atores. As entrevistas como ferramenta de investigação abrangem, segundo Cohen y Mañion (1990), apud Molina (2004) as “entrevistas formais”, ou seja, um conjunto de perguntas passando pelas entrevistas “menos formais” nas quais o investigador fica com maior liberdade para modificar a sequência das perguntas, alterar a redação, explicá-las ou ampliá-las; até entrevistas completamente “informais” apresentada como conversação, sem seguir qualquer roteiro. Esse último caso exige uma grande habilidade do entrevistador que deve manter o foco da entrevista e ao mesmo tempo se desvencilhar de entraves que possam prejudicar a dinâmica do diálogo ou a relevância das informações.

Diferentes autores classificam as entrevistas catalogando outras denominações como: estruturada; não estruturada; semiestruturada. Na entrevista “estruturada” o investigador segue a ordem estabelecida das perguntas e um conjunto específico de procedimentos. A entrevista “não estruturada” é mais explorada e persegue pistas na tentativa de obter maior profundidade de informação. Já a “semiestruturada” fornece informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa.

Conforme os objetivos do entrevistador a elaboração das perguntas podem ser “abertas” ou “fechadas”. A pergunta “aberta”, segundo Hayman (1974), possibilita que o entrevistado dê qualquer resposta. Ela é mais abrangente e utilizada quando o objetivo é obter informações desconhecidas e mais aprofundadas, contudo, as respostas exigem uma maior interpretação e categorização. Em contrapartida, a pergunta “fechada” somente permite resposta restrita. Conforme a complexidade e a natureza das questões o pesquisador pode optar pelo uso de uma ou de outra forma, ou ainda das duas ao mesmo tempo. Neste trabalho, foi utilizada como estratégia a entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas.

### 2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao estagiar em uma escola pública de Porto Alegre, no segundo semestre de 2011 e, na oportunidade, trabalhar ao mesmo tempo com alunos distribuídos nos dois tipos de organizações de turmas: mista e separada por sexo, percebi, na ocasião, diferenças no comportamento e nas capacidades de desenvolvimento das habilidades motoras das meninas pertencentes a cada grupo. A situação despertou-me o interesse por estudos relativos à forma de organização das turmas bem como questões de gênero, como forma de aprofundamento no assunto, e possibilidade de melhor entender o que lá acontecia. Assim decidi realizar um estudo de caso nessa escola valendo-me do modelo de coorte qualitativo.

Nesta pesquisa utilizei como instrumento de coleta de dados a observação e entrevistas semiestruturadas com o objetivo de refletir sobre as possíveis implicações da organização das turmas separadas por sexo ou mista no comportamento e aproveitamento dos alunos nas aulas de Educação Física, bem como esclarecer as razões que levam os professores de Educação Física da escola a separarem os alunos por sexo; conhecer a posição da direção da escola sobre a decisão de separar; compreender a visão dos alunos sobre as aulas mistas e separadas e identificar quais as possíveis vantagens e desvantagens decorrentes da separação.

Inicialmente realizei uma visita na escola para apresentação do trabalho e solicitação de permissão para realização do mesmo, acompanhado do termo de Declaração de Autorização da Escola (DAE), que foi devidamente assinado pela diretora e encontra-se anexado ao corpo deste trabalho.

Na ocasião, efetuamos o agendamento das observações e entrevistas com os professores e a direção. Já na Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), contatei o professor coordenador de estágio colocando-o a par da pesquisa e das observações que seriam realizadas, considerando que as mesmas ocorreriam durante as aulas ministradas pelos estagiários, os quais estão sob sua supervisão.

Desde o segundo semestre de 2011 as aulas de Ensino Médio no Colégio Inácio Montanha vêm sendo ministradas por universitários estagiários da ESEF/UFRGS. Diante do meu interesse em realizar a pesquisa, comuniquei aos mesmos que iria observar suas aulas e entrevistar os alunos que voluntariamente se dispusessem a participar do estudo.

Foram observadas um total de seis aulas de Educação Física, sendo, duas em uma turma feminina de terceiro ano formada pela união das turmas T301 e T302, duas em turma masculina de primeiro ano formada pela união das turmas T102 e T103 e duas em uma turma mista de segundo ano T201.

As entrevistas foram realizadas com a diretora, a supervisora pedagógica, os dois professores titulares da escola e os alunos voluntários. A diretora da escola concluiu sua graduação no ano de 1987, completou nove anos de magistério e assumiu a escola faz oito anos. A supervisora pedagógica concluiu sua graduação no ano de 2008, com experiência de oito anos no magistério, atua há dois anos na escola. Um dos professores possui uma experiência de dezoito anos de magistério e está na escola faz dezesseis anos, o outro professor trabalha há quatro anos na escola e possui uma vasta experiência de magistério de vinte e dois anos. Os alunos da escola em sua maioria são trabalhadores.

Para todos que participaram das entrevistas foi apresentado e devidamente assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo as informações sobre a pesquisa bem como *emails* e telefones para contato. Foram entrevistados um total de vinte e cinco alunos, sendo dezessete meninas e oito meninos com idades entre quinze e vinte anos. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas em sua fiel constituição, logo após, validadas pelos interlocutores, mediante entrega de cópia impressa. Tanto as observações quanto as entrevistas com os alunos foram realizadas no turno matinal e aconteceram nos dias e horários de aula das turmas observadas. A turma feminina nas segundas-feiras das sete às oito horas e quarenta e cinco minutos, a turma masculina nas

quartas-feiras no mesmo horário e a turma mista das nove às dez horas e quarenta e cinco minutos.

Como em todas as pesquisas com seres humanos alguns obstáculos precisaram ser superados, entre eles: muitos eventos paralelos às aulas aconteceram na escola; foi necessário flexibilidade no agendamento das entrevistas, principalmente, com a direção e professores; houve dificuldades em convencer os alunos da importância da pesquisa e conquistar as suas confianças para gravar as entrevistas; também foi difícil achar um local com pouco barulho, onde os alunos pudessem ser ouvidos com clareza e encontrar um momento, em meio ao agito de uma aula de Educação Física, em que os alunos pudessem sair da atividade e prestar seus depoimentos. Talvez, esse último empecilho tenha sido o principal entrave no decorrer da pesquisa, principalmente, em conseguir os depoimentos dos meninos, estes, participam, intensamente, da aula e não gostam de abandonar a atividade em nenhum instante. Já as meninas, muitas vezes, encontravam-se assistindo a aula fora da atividade, e elas se disponibilizavam com maior facilidade às entrevistas o que explica um número maior de meninas entrevistadas. Apesar de tudo, direção, professores, estagiários, alunos e funcionários da escola foram muito prestativos e gentis, permitindo que o trabalho fosse desenvolvido em um ambiente favorável de harmonia e tranquilidade.

#### 2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após a realização da coleta dos dados através das estratégias utilizadas na realização da pesquisa, a análise e interpretação dos elementos recolhidos das falas e situações visualizadas resultaram em algumas categorias e subcategorias relacionadas aos objetivos do estudo as quais serão, a seguir, apresentadas. **Turmas mistas e turmas separadas por sexo** são duas grandes categorias prévias que serviram como referência para a análise.

Os sujeitos interlocutores deste estudo estão representados por funções na escola, letras e números. Os dirigentes da escola são identificados por sua função: diretora e supervisora. Os professores são representados pelas letras “PA” (professor A) e PB (professor B). Os alunos foram numerados em ordem alfabética de acordo com a letra inicial de seus nomes originais e seu sexo representado pelas letras “M” para mulheres e “H” para homens, colocadas ao lado do número.

## TURMAS MISTAS

Embora a organização em turmas mistas não seja a estratégia adotada pelos professores da escola em questão, existe uma situação em que isto ocorre. Em função de haver um número de turmas ímpares, quinze no total, e cada par de turmas mistas formarem duas novas, uma masculina e uma feminina, desta combinação sobra uma que mantém a forma original, mista. A experiência vivenciada com essa turma no estágio, como já foi comentado inicialmente, foi o elemento motivador deste estudo que buscou investigar quais os motivos que justificariam a organização das aulas de educação física em turmas mistas ou separadas por sexo. Na relação dos depoimentos das entrevistas percebeu-se dois principais motivos para não separar, quais sejam: o **relacionamento/ interação entre meninos e meninas e o respeito às diferenças**.

### **Relacionamento/interação entre meninos e meninas**

Estes aspectos aparecem nas falas da direção e de alunos ao apontarem elementos que perpassam a organização das turmas mistas.

As entrevistas com a direção da escola foram efetuadas com a diretora e a supervisora pedagógica com o objetivo de esclarecer qual a posição da escola em relação à separação. Houve uma divergência entre a visão pessoal da diretora e da supervisora da escola. Enquanto a diretora defende aulas de Educação Física mistas, em suas palavras : “[...] *eu não gosto de aula separada, eu acho que tinha que ser mista, mesmo no tempo em que eu estudava as aulas eram mistas e a relação era muito melhor [...]*” a supervisora apóia a separação: “[...] *eu acho que é válida a separação por sexo, porque eu acho que se consegue aproveitar melhor*”.

Apesar de a diretora achar que o relacionamento melhora com aulas mistas, ela prefere não interferir na decisão dos professores titulares da escola em separar as turmas por sexo “*eu não alterei o que já estava acontecendo dentro da escola... os professores acham melhor trabalhar em separados e a gente tem espaço pra isso e a gente acaba fazendo isso [...]*”

A resposta acima leva a pensar que os professores possuem total autonomia na decisão de separar as turmas e suas argumentações parecem ser convincentes, pois se sobrepõe à idéia da diretora que mesmo reconhecendo que as aulas mistas são importantes para o relacionamento entre os alunos, concorda com a separação sem maiores questionamentos.

Na Educação Física, um bom relacionamento entre meninos e meninas, em especial em turmas mistas, abre a possibilidade de debates sobre vários temas relacionados às questões de gêneros.

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na educação física (SARAIVA, 1999, p.181).

Nas palavras da supervisora não questionar ou não tomar partido é concordar com a situação *“Eu acho que no momento em que a escola assume a separação, eu acho que a escola concorda com isso, né? Sobre a posição (da escola sobre o assunto), sinceramente, nunca mais foi feita uma reflexão”*. A ausência de reflexão declarada pela supervisora reforça a idéia de que há uma naturalização do fato.

Na mesma linha da argumentação da diretora de que as aulas mistas melhoram o relacionamento, alguns alunos concordam quando falam da importância das aulas mistas *“[...] não é ruim, eu acho que é bom o relacionamento com os guris [...]”* (7M). *“[...] como as gurias não gostam de ter contato com outras gurias, nas aulas mistas elas têm que ter contato, então é bom por isso”* (16M). *“[...] conhecer também os meninos como eles se comportam[...]”* (5M). *“[...] mas acho que seria bom fazer também junto com os guris, um pouco para interagir também.... poderia ser mista no vôlei assim, um pouco para equilibrar os times, e pra se conhecer melhor, se não ficam só as gurias... quando os guris estão juntos eles ficam ali só com o grupinho deles, não se misturam, e as gurias não, mesmo que não se falem dentro da sala, na Educação Física já se falam [...]”* (1M). *“Poderia ser bacana interagir com as gurias das outras turmas, da nossa também... É, poderia ser mistas uma vez por mês, assim, só para poder interagir”* (7H).

Concordando com Oliveira, aceita-se que, indubitavelmente, nas turmas mistas:

reside um potencial de melhor preparar o indivíduo para sua vida extra-curricular, na qual o convívio com o outro sexo é inevitável e muitas vezes desigual e conflituoso, devido à falta de reflexão e entendimento humano. São esses os pressupostos teóricos que sustentam a ênfase da importância de as turmas de Educação Física serem mistas. (OLIVEIRA, 1996, p. 39).

A interação também aparece como um elemento positivo nas situações de jogo, nos depoimentos de um aluno e uma aluna *“[...] se os guris não tão junto, não tem jogo, entendeu? A maioria das gurias não joga, e daí são três quatro que jogam sempre e o resto*

*são os gurus” (4M). “Eu acho que deveria ser junto... porque tem muita gente que não faz, e juntos completa os times” (2H).*

Essa complementação entre os alunos de ambos os sexos é muito importante em vários aspectos.

Independentemente de sexo, coeducar pressupõe oportunizar a vivência de todas as manifestações da cultura corporal do movimento, proporcionando a troca de experiências, a integração, o respeito e a consciência sobre a construção social das diferenças de gênero, melhorando o relacionamento entre os discentes nas aulas de Educação Física. (DEVIDE ET AL., 2011).

A troca de experiências se manifesta na fala de três meninas evidenciando o quanto elas valorizam as possibilidades de interação presentes nas aulas de Educação Física onde meninos e meninas participam juntos *“[...] eles ajudam muito a gente a conseguir alguma coisa” (12M). “[...] alguns gurus não sabem jogar vôlei, algumas gurias sabem jogar mais e elas poderiam ajudar, auxiliar, né? Os gurus já sabem jogar futebol, e os gurus poderiam auxiliar as gurias na atividade [...]” (7M). “Eu acho que a Educação Física é melhor quando é junto, porque a gente tem que aprender e tem muita gente que fala que não, que os gurus têm mais força que as gurias e tal, mas acho que não tem nada a ver, que a gente pode sempre mais, e que o esporte não é o limite, assim, sempre pode mais...” (4M).*

A ajuda mútua sem discriminações, preservando os direitos de meninos e meninas participarem das atividades em mesmo grau e intensidade, respeitando as limitações e capacidades de cada sexo, sem a imposição de modelos preestabelecidos são características de aulas coeducativas. Segundo Gomes (2000), coeducação significa valorizar práticas motoras e vivências, associadas ao modelo cultural feminino, de modo que todas as alunas e alunos as experimentem, sem tornar o modelo masculino como único ou prevaLENcente.

Nas aulas de Educação Física organizadas com turmas mistas, para que haja interação e equilíbrio nas oportunidades oferecidas aos dois sexos, os professores devem ficar atentos, principalmente, às necessidades do público feminino e proporcionar a todos os alunos uma vivência ampla das práticas corporais.

As aulas coeducativas devem contribuir para o desenvolvimento integral das crianças (...) levando a relacionar-se (...) problematizar os sentidos das relações estabelecidos entre meninos e meninas, procurando entender as verdadeiras diferenças e igualdades entre os mesmos, para que possam socializar-se de maneira a atingir o conhecimento necessário para agir com essas diferenças ( CEMBRANEL, 2000, p. 218).

É fundamental a distinção entre aulas coeducativas e aulas mistas, o fato de unir meninos e meninas na mesma atividade não significa que se está trabalhando a coeducação.

Coeducação é mais que a simples inclusão. A aula coeducativa segundo Costa e Silva (2002, p. 48):

considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que a escola mista não possui o mesmo significado da escola coeducativa. Neste sentido, para esclarecer os caminhos da coeducação em Educação Física, convém analisar que essa disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independente do sexo.

Na opinião de duas meninas as aulas mistas possibilitam a diminuição das diferenças, elas criticam as discriminações e divisões das atividades por gênero *“Eu acho que tem mais liberdade, todo mundo joga a mesma coisa, todo mundo faz o que tem que fazer. Não tem essa diferença, ah, tu é menina, tu é mais frágil, tu é menina não pode fazer isso, menina não pode jogar futebol, tem que jogar vôlei ou ficar só sentada ... Eu acho que quando é separada tem muito mais diferenças entre as pessoas, tipo, quando é as meninas tem que ser coisas mais leves, quando é os meninos podem jogar futebol, guria não joga futebol”* (2M). *“[...] as meninas e os homens tendo suas diferenças, eu acho que os dois precisam das forças iguais, e tem que conviver assim com homem e mulher porque a gente convive sempre no dia a dia, então não vai ser na Educação Física que tu vai ter que separar [...]”* (13M).

Segundo Casco (2011, p. 74) *“A divisão por gênero presente no esporte, durante muito tempo, e ainda hoje, determina a divisão nas quadras escolares daquilo que homens e mulheres, meninos e meninas podem fazer juntos ou separados”*.

Quando a participação de meninos e meninas, em uma ou outra atividade, são negadas os dois perdem. Conforme Saraiva (2002) na dança, os arranjos de gênero costumam mais aos homens do que às mulheres, por possibilitarem que estes manifestem a expressividade emocional/movimentos, aspectos que transgridem o que se associa ao masculino pela sociedade; enquanto o contrário ocorre com o futebol no caso das mulheres.

### **Respeito às Diferenças**

A escola deve proporcionar ao aluno um ambiente favorável, onde as diferenças entre meninos e meninas devem ser respeitadas e discutidas. A escola é o ambiente ideal para a desconstrução de estereótipos, nas palavras de Sacristán (1995, p. 89), *“a escola não opera no vazio; a cultura que ali se transmite não cai em mentes sem outros significados prévios”*.

Segundo os autores Meyer e Soares (2004), as questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, inclusive o contexto escolar. Todo o espaço educativo atua como agente socializador dos seres humanos e junto com a família são responsáveis pela elaboração de valores, atitudes e preconceitos.

Tais valores aparecem na prática corporal das crianças, na sua maneira de jogar, de participar da vida social. Quando são colocados na roda de discussão e reflexão acabam por se revelar como principal fonte de significados para a construção social mais humana e menos polarizada, mais integrada e menos fragmentada, mais pacífica e menos guerreira da atividade física, na qual meninos e meninas possam viver suas diferenças e aprender a aceitar sua unidade em torno daquilo que é legitimamente humano (CASCO, 2010, p.77).

Nas aulas de Educação Física, muitos são os argumentos dos professores que separam meninas e meninos. Segundo Romero (2010, p. 116) “[...] os professores deveriam atuar de forma consciente a fim de proporcionar iguais oportunidades aos seus alunos, sejam eles do sexo masculino ou do feminino”.

Durante a infância, ao contrário dos meninos, são poucas as meninas que desenvolvem um repertório motor variado. Quanto maior o número e a variedade de experiências e vivências individuais da criança em seu ambiente natural, melhor será o desenvolvimento nas tarefas cotidianas (PAIM, 2004).

Segundo os padrões culturais, os meninos possuem um desempenho motor diferentes das meninas.

Desde muito cedo, os meninos são estimulados a correr riscos, o contrário acontecendo com as meninas. Riscos de acidentes em jogos são previsíveis, vai daí, meninas pouco são solicitadas a participar desse tipo de atividade. À escola cabe o papel de reverter esse quadro. Meninas deveriam ser chamadas com mais frequência aos jogos, assim como os meninos deveriam ser chamados às atividades que exijam mais sensibilidade, concentração e interiorização. (CASCO, 2010, p.84).

O comportamento dos meninos é menos vigiado, suas brincadeiras e ações são mais dinâmicas, eles estão mais expostos, arriscam-se mais, têm menos medo do perigo porque convivem mais com essa condição e, conseqüentemente, desenvolvem habilidades de movimentos amplos que são fundamentais na prática da maioria dos esportes. Isso pode explicar um gosto maior dos meninos por práticas esportivas ou atividades semelhantes.

Além disso, a massa muscular e a força do adolescente do sexo masculino tende a ser superior a do sexo oposto que se encontra na mesma idade, favorecendo a dita “superioridade” nos esportes. Com o início da puberdade, o aumento da força pode ser

distinto entre os gêneros pela ação androgênica da testosterona (Hansen, Bangsbo, Twik & Klausen, 1999).

Nas relações sociais o conhecimento de seus potenciais e limites e o respeito às diferenças são fundamentais. Nas entrevistas coletadas as falas de um menino e de uma menina vem ao encontro dessa idéia “[...] *se houver respeito nos times*” (11M). “[...] *algumas atividades terão que ser reduzidas, ou com menos excesso de peso... eles mesmos aprendem quando têm ou não, que jogar mais forte, mais fraco, as mulheres também, quanto mais se joga, mais se aprende que tu tem força [...]*” (13M). “[...] *o homem não pode fazer as atividades..., ele não pode agir do jeito que ele age jogando com outros guris, porque as mulheres são bem mais fracas né?*” (4H).

A respeito desses estereótipos criados ao longo da história de “superioridade” masculina ou de preocupação com a “fragilidade” e saúde da mulher, Goellner (2003, p. 31) relembra “Centradas em explicações biológicas, (...) especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para mulheres e homens.”

Tal visão elucida aspectos que por muito tempo justificaram e ainda justificam a negação da participação da mulher em atividades consideradas “masculinas” fundamentada no determinismo biológico.

## **TURMAS SEPARADAS POR SEXO**

Ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a separar as turmas, os professores argumentam que a separação é uma forma que vem sendo utilizada por eles já há algum tempo e que melhora o rendimento do aluno em vários sentidos. Através de seus depoimentos percebe-se dois principais motivos para que as turmas sejam separadas por sexo: **a falta de motivação e interesse das meninas e as diferenças biológicas e psicológicas entre os sexos**, reforçando as justificativas da separação pelas dificuldades das meninas e a imaturidade dos meninos em aulas mistas.

### **A falta de motivação/interesse das meninas**

Na entrevista com os professores, eles tentam justificar a separação pela falta de motivação das meninas. “*Na turma mista, as meninas gostam menos de trabalhar, de fazer a parte de desporto e tal, e aí quando tu propõe um trabalho elas ficam se arrastando, ficam*

*fazendo mais devagar e acabam contaminando os meninos” ( PA). “[...] elas não têm a mesma vontade, o mesmo afã assim de fazer aulas, de praticar a atividade que os guris... as gurias tu tem que estar estimulando, tem que estar empurrando, tem que estar incentivando, tem que estar trazendo pra dentro da atividade, se descuidar elas saem do espaço [...]” ( PB).*

A supervisora da escola corrobora com a argumentação dos professores sobre o desinteresse das alunas *“Eu acho que tem uma diferença bem grande, assim, até da preferência, em que os guris gostam mais da Educação Física e as gurias eu já vi que tem uma resistência maior”*.

Nos depoimentos dos meninos em nenhum momento é lembrada a falta de interesse das meninas nas atividades esportivas, porém, duas meninas que gostam de esportes referem-se a esta situação da seguinte maneira: *“As meninas, elas não gostam tanto de fazer atividades quanto os meninos... as gurias elas não gostam de jogar futebol, jogar handebol, porque elas não gostam de suar, ah, porque tô suada, tô melecada” (14M). “[...] as meninas não fazem nada, então, se não é os guris dar o embalo, ninguém faz... eu acho muito sem graça, porque elas não gostam de atividades, eu gosto de atividades, assim, fortes e tal [...]” (15M).*

Geralmente, o aluno se interessa por atividades em que ele tem um bom domínio.

A falta de motivação pode ser caracterizada por uma situação que desanima, desinteressa, não agrada ou torna-se desgastante, difícil. Porém, pode aparecer quando a tarefa é simples demais. Essas características foram observadas em uma aula prática de uma turma feminina em que uma equipe foi superior à outra. Na ocasião, a estagiária dividiu a turma em dois grupos. As meninas demoraram um pouco para entender a lógica do jogo. Depois de um dos grupos fazer 3x0, foi orientado para as alunas ocuparem e distribuírem-se melhor no espaço de jogo. O mesmo grupo fez 4x0. Tanto a equipe que estava perdendo quanto a que ganhava desmotivou-se. A estagiária reorganizou os grupos para que houvesse maior equilíbrio fazendo, então, com que o jogo se tornasse mais disputado e, conseqüentemente, mais interessante.

Os professores titulares da escola quando perguntado sobre os conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física admitem centrar suas práticas no esporte e em seus discursos percebe-se que destinam a maior parte de suas aulas ministrando futebol para os meninos e voleibol para as meninas, adaptando as aulas pelas preferências dos alunos, e justificando um motivo para separar.

Podemos assinalar que o papel do docente não é o de adaptar os conteúdos e métodos de ensino às alunas e aos alunos, mas refletir se está ou não reforçando a sexualização ou, até impedindo o ciclo repetitivo das atividades estereotipadas (COSTA, SILVA, 2002, p. 49).

A atividade escolhida para ser ministrada nas aulas de Educação Física não é por si só o agente desmotivador do público feminino. Deve-se observar a maneira como a aula está sendo conduzida, e, nesse sentido a intervenção do educador é muito importante.

Foi observado em uma aula da turma mista que num momento de uma atividade livre, quatro meninas jogaram futebol enquanto quatro meninos e outras quatro meninas optaram por uma partida de vôlei. O fato das meninas irem jogar futebol e os meninos voleibol, parece contradizer o argumento a favor da separação apoiado na visão de que as meninas não têm motivação para práticas competitivas de contato corporal e de que elas preferem o vôlei e os meninos, o futebol.

Os professores da escola preocupam-se com o rendimento e valorizam o aprendizado da técnica elogiando as habilidades dos meninos e criticando as dificuldades das meninas.

Um dos argumentos dos professores para a separação “é a idéia de que os meninos são mais ágeis do que as meninas e, por isso, são ‘atrapalhados’ pelas mesmas” (Romero, 2010, p. 116).

No momento em que as atividades baseiam-se na técnica e no desempenho os mais habilidosos são elogiados e recebem atenção especial.

Quando, numa aula mista, a atividade é centrada no esporte seguindo o padrão masculino, de força e competitividade, as meninas sentem-se em desvantagem em relação aos meninos, caracterizando-se uma Educação Física sexista onde elas são excluídas ou se autoexcluem.

A Educação Física tende a favorecer a reprodução e consolidação de estereótipos quando opta por currículos muito centrados nos jogos desportivos conotados com o masculino, excluindo outras práticas valorizadas socialmente e na moda, do agrado de muitas meninas e também de meninos (se tivessem a oportunidade de experimentá-las, por considerarem não apropriadas ao seu sexo/gênero) (GOMES ET AL., 2004, p.176).

De acordo com esses mesmos autores “Uma Educação Física hegemonicamente masculina silencia os/as menos aptos/aptas, dá corpo a sentimentos negativos e acentua as desigualdades” (p. 178). O sexismo nas aulas de Educação Física perpetua as desigualdades e reforça os estereótipos e preconceitos de gênero.

## Diferenças biológicas/psicológicas entre os sexos

Além da falta de motivação das meninas, a separação é justificada pelas diferenças biológicas entre meninos e meninas.

Nas aulas de educação física somos educados e educadas para um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais para cada sexo. Nesse processo, as diferenças construídas socialmente são naturalizadas, consideradas como algo inscrito no biológico e as habilidades motoras esperadas pelo desempenho de meninos e meninas são distintas. (CAVALEIRO; VIANNA, 2010, p. 141).

No caso desta escola essas diferenças são avaliadas pelo rendimento nas aulas, confirmado nas falas dos professores. *“O motivo principal que a gente encontra, a gente vê a razão do melhor desempenho, do melhor rendimento... rendimento no geral não só a diferença física, mas diferença de personalidade... então vê que as valências físicas são bem diferenciadas, o masculino e o feminino, e aí a gente chegou a essa conclusão experimentando que o rendimento seria melhor... a gente acha que, nesse sentido, o rendimento, não só do desenvolvimento da parte motora do jogo, mas o rendimento da prática, da aula de Educação Física mesmo”* (PA). *“[...] as valências físicas deles, são bastantes diversas, bastantes diferentes e bem características, os gurus têm uma força muito grande, potência muito grande, e as gurias já bem menos[...]”* (PB).

Goellner e Fraga (2004) sinalizam que a separação de meninos e meninas, nos momentos destinados aos exercícios físicos na escola, se dava em função de objetivos sociais diferenciados para esses sujeitos, para esses corpos, a partir de “proposições absolutamente naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher”, consequentemente, determinando práticas corporais diferenciadas.

Duas meninas também mencionam as diferenças biológicas como motivo para as aulas serem separadas *“Eu acho muito bom, porque por natureza os gurus sempre têm mais força que as gurias ... os gurus têm força e não dá pra competir com as gurias”* (11M). *“Gosto mais de fazer (Educação Física) com as gurias porque os gurus são mais fortes, e aí é ruim”* (9M). Entre os meninos, apenas um menciona as diferenças biológicas como motivo de separação, enfatizando a superioridade das habilidades masculinas *“[...] se for aula de esforço físico, alguma coisa assim, aí não vai dar nem por cheiro, né? Mulher não chega nem perto do homem... Futebol, é melhor fazer essas atividades só homem com homem né? Não com mulher por causa que a mulher não tem as mesmas habilidades”* (4H).

A “superioridade masculina”, por muito tempo, foi explicada pelas diferenças anatômicas e fisiológicas.

A força corporal foi, por muito tempo, um importante argumento, dentre outros, para explicar a superioridade dos homens sobre as mulheres. Características anatômicas como o tamanho e formato da bacia explicaram e justificaram a maternidade como destino natural da mulher. (MEYER, 2004, p. 9).

Percebe-se uma cultura machista na escola com uma esportivização da Educação Física, onde se divide as atividades apropriadas a cada sexo, em que para as meninas é enfatizado aulas de ginástica e voleibol, e os meninos participam do voleibol, porém a ênfase das aulas é dada a prática de futebol. Segundo Saraiva (2002) a Educação Física contribuiu para masculinizar o desporto e feminilizar as atividades rítmico-expressivas, socializando corpos masculinos e femininos, porém, separando-os.

O desejo por aulas de Educação Física separada é quase unânime entre os meninos, principalmente, quando a atividade é o futebol *“Quando as aulas são separadas, tem guris que nem gostam de falar em praticar outras atividades, só o futebol”* (2H). *“Eu acho que tem algumas coisas assim que é pra guri, não é machismo, mas é mais pra guri... elas fazem um esporte que elas mais gostam e a gente faz o esporte que a gente mais gosta”* (7H). *“[...] o exercício poderia ser junto, assim, um exercício físico ou alguma coisa assim, mas futebol, essas coisas assim, já não dá pra ser junto”* (8H). *“Acho que é melhor, o futebol, acho que os meninos gostam mais e, vôlei, mais as gurias, né?”* (3H). *“Tem coisa que não dá certo, como jogar futebol que a menina não tem aptidão... Ah, em alguns momentos tinha que ser mista, um aquecimento, uma coisa assim, mas também na hora do jogo, um vôlei, um futebol, um handebol, tudo assim tinha que ser separado”* (1H). *“É melhor separada porque as gurias fazem o que elas têm que fazer e os guris fazem as suas coisas”* (5H). *“Se for uma atividade de inteligência, lógica, alguma coisa assim, até poderia ser mista”* (4H).

As meninas que apoiam a separação das atividades colocam-se numa posição passiva, aceitando e naturalizando as imposições dos meninos, deixando para eles decidirem em quais momentos deve separar *“[...] eles não querem que a gente jogue junto com eles, tipo futebol, futebol eles gostam de jogar só entre eles, porque eles dizem que a gente atrapalha [...]”* (12M). *“[...] as atividade que eles têm que fazer são mais agitadas e geralmente as gurias elas querem algo mais calmo, uma atividade aeróbica, dança”* (11M). *“[...] pros meninos têm problemas se for junto o futebol ou alguma coisa assim”* (16M). *“[...] as gurias, basicamente, gostam só de vôlei, eles gostam mais de correr, têm mais energia pra usar, vôlei*

*não, fica parado, só pegando a bola, futebol tem que correr, tem que driblar, tem que fazer gol” (6M).*

As meninas parecem acatar a decisão dos meninos pela separação em atividades esportivas. Essa submissão é resultado de processos culturais.

A família, a escola e a sociedade em geral acabam por persuadir os indivíduos ao comportamento ativo/submisso, segundo o sexo ou classe social, igualmente a um comportamento não reivindicador, sabedor de seus limites a mercê de uma classe exploradora. É dentro da família que se inicia esse processo de hierarquia, e na escola que esse modelo se perpetua, como modelo reprodutor das desigualdades, incluindo as de sexo. (ROMERO, 2010, p. 111).

Essa situação reflete também a forma como se estabelecem as relações de poder numa sociedade machista. Na produção do conhecimento e nas relações sociais, a categoria gênero torna-se muito importante, uma vez que "envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização social" (SORJ, 1992, p.16).

### **Medos, constrangimentos, insegurança, agressividade e imaturidade dos meninos**

Entre os alunos entrevistados parece haver uma crença de que nas aulas mistas os **medos, os constrangimentos e a insegurança** dos alunos são aflorados.

Esses sentimentos são agravados, principalmente nas meninas, pela **agressividade e imaturidade dos meninos**, dessa maneira há uma preferência pela separação. Em contrapartida, entre colegas do mesmo sexo os alunos sentem-se mais à vontade.

No depoimento de um dos professores, ao expor as diferenças psicológicas entre os sexos, foi salientada a falta de maturidade dos meninos “[...] *eles são imaturos, os guris. [...]*” (PB). Na visão deste professor, a imaturidade dos meninos é percebida por ações equivocadas que podem acarretar agressividades “[...] *se algum colega levantar a bola, no jogo do vôlei, eles vem e cortam com uma força, numa velocidade incrível, pra se mostrar, pra aparecer, e muitas vezes isso causa um acidente, bate no rosto da menina, ou no peito da menina e machuca, eles fazem sem sentir [...]*”.

Essa agressividade está presente na constituição da personalidade masculina, e nos meninos desta escola, principalmente, quando a atividade é esporte, em especial, o futebol.

O esporte é visto assim, como parte da existência masculina. Essas conexões são perceptíveis em nossa sociedade e na escola: gostar de futebol ou de exercícios físicos pesados, jogar duro, mostrar-se rude e desprezar a dor, isto é, jogar sem se importar em ser ferido é considerado quase uma “obrigação”

para qualquer menino ou garoto “normal e sadio”. (CAVALEIRO; VIANNA, 2010, p. 140).

Essa cultura machista entranhada no esporte e, conseqüentemente, no futebol é absorvida pelos meninos desta escola e naturalizada em suas práticas.

Esse exagero nas disputas, essa competitividade, essa falta de controle é motivo de receio do público feminino e motivo para separar, confirmado nas falas de quatro meninas “[...] às vezes é bom separada, porque os guris são muito brutos nos jogos [...]” (12M). “[...] geralmente nas atividades de contato eles derrubam, eles machucam e eles não se dão por conta, eu acho melhor separar mesmo” (11M). “[...] às vezes dá um saque muito forte e machuca o braço” (9M). “[...] os guris, eles acham que sabem jogar melhor que a gente, e acabam jogando forte, machucando... os guris não tem muito controle ainda, eles sempre querem jogar mais, ficam machucando a gente, então, tem que ser separada” (8M).

Assim, entre o público feminino da escola o principal motivo para as turmas serem separadas foram atribuídos às agressividades: física, dos meninos (exageros em atividades competitivas) e moral (críticas, deboches, apelidos), causando medos, constrangimentos e, insegurança. Maturana (1999) mostrou como as emoções têm um papel fundamental na construção do conhecimento. E, em decorrência disso, afirmou que só consegue viver na plenitude de sua capacidade humana o indivíduo que reconhece o papel das emoções no exercício de todas as atividades que constituem o seu cotidiano, incluindo-se aí educação e, dentro dela, a produção do conhecimento.

Oito meninas falam desses medos, constrangimentos, vergonha de praticar algumas atividades em aulas com turmas mistas “[...] as gurias por fazer Educação Física com os guris, se acham meio envergonhadas [...]” (7M). “Eu gosto mais separada por sexo porque daí dá pra ficar mais à vontade” (3M). “[...] separadas, eu acho que as gurias iam se soltar mais” (2M). “[...] as gurias se sentem mais à vontade assim, às vezes, têm vergonha de fazer um determinado exercício perto dos guris e tal” (4M). “[...] por causa da condição do exercício, às vezes ficam com vergonha... se for de dança, acho que dá um pouco mais de vergonha” (17M). “[...] quando tu vai fazer um exercício de alongamento em que as meninas têm que se abaixar mais, e como, normalmente, se usa calça mais justa, talvez, isso tenha um desconforto [...]” (13M). “[...] mistas é muito ruim porque tu tens receio assim com os guris... uma coisa assim que dê pra todo mundo, que não seja pra constranger as pessoas....quando tem aulas de dança, os guris ficam rindo, tirando sarro da cara” (3M). “[...] os meninos ficam debochando [...]” (10M).

Em uma observação em uma aula teórica de uma turma mista de Educação Física as alunas comentam sobre a vergonha e o medo de errar: Quando o estagiário, que ministra aulas na turma, fala sobre a dança e a importância de quebrar estereótipos, uma aluna coloca: “*eu tenho vergonha*”. Ele pergunta o motivo. Ela responde: “*ah todo mundo olhando*”. Outra menina comenta: “*eu tenho medo de errar*”.

Tais comentários dão sustentação para fatos observados na realização de certas atividades em aulas separadas onde as meninas mostraram-se mais seguras e apresentaram melhores resultados. Em uma aula de dança de uma turma feminina ministrada por uma estagiária as alunas realizaram a atividade com muito entusiasmo e, de um modo geral, elas demonstram uma boa coordenação motora e desenvoltura. Realizando atividades em que elas possuem domínio corporal, sem a presença dos meninos e, ainda, com instrutores do sexo feminino, as meninas sentiram-se à vontade, divertiram-se mais e aproveitaram melhor a aula.

Altmann (2001) analisa o ambiente da Educação Física como um espaço privilegiado para fomentar as atitudes e comportamentos de autocuidado em relação ao corpo, justamente, por propiciar experiências de aprendizagem ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita.

Em uma outra prática com a mesma turma observou-se a tranquilidade das meninas quando trocavam passes com a bola de handebol e ao cometerem erros elas riam.

Em uma aula mista, esses erros poderiam ser motivo de críticas ou repressões já que os meninos têm mais habilidades e erram menos, com isso, cobram mais. Essa cobrança, geralmente, causa insegurança desmotivando as meninas e aumentando o fator erro.

Lavoura (2007) na investigação sobre o medo em contexto esportivo menciona os seguintes itens relativos às emoções positivas: confiança, motivação, entusiasmo, felicidade, prazer. Os negativos são relacionados ao desânimo, solidão, decepção, raiva, nervosismo, estado de tensão e insegurança.

Em uma observação de uma aula prática de uma turma masculina a estagiária pediu aos alunos que criassem um exercício. Na atividade criada por um aluno a turma foi dividida em grupos, nessa prática, cada grupo teve que saltar sobre cinco colchonetes colocado enfileirados. Se um membro do grupo conseguisse saltar todos os colchonetes, seria contado um ponto para o grupo o qual o aluno pertencia. Alguns alunos resistiram em saltar. A estagiária resolveu retirar um dos colchonetes ficando apenas quatro e, portanto, diminuindo a distância a ser saltada. Os outros alunos, então, resolvem saltar.

Pelo comportamento dos alunos pode-se suspeitar que houve, no mínimo, receio na realização do salto. Portanto o medo de errar não é característico das meninas e nem de

turmas mistas, observa-se também em turmas separadas. Ele acontece por vários motivos como foi citado por Lavoura (2007) anteriormente.

Quando se trata de turmas mistas, geralmente, os menos habilidosos são as meninas. Como consequência dessa falta de habilidade motora torna-se mais tímida, não demonstrando interesse em se autossuperar conforme apontou Romero (1990) esclarecendo que com tratamento diferenciado, tem-se um quadro de desempenho motor diferenciado. Por isso elas merecem maior atenção dos professores de Educação Física, estes devem procurar maneiras e estratégias que proporcionem maior segurança, aumentem sua confiança e preservem sua integridade eliminando medos, evitando constrangimentos e, conseqüentemente, exclusões e autoexclusões.

Já entre os meninos a preocupação não está em sofrer, mas em causar constrangimentos nas meninas falando palavrões na presença delas. Os meninos dessa escola estão habituados a fazerem aulas de Educação Física separadas das meninas e com professor do sexo masculino, isso lhes dá uma maior liberdade com a linguagem que é falada em meio ao público do seu sexo.

Conforme Ramires Neto (2006, p. 122) “As agressões e insultos são decorrentes das cobranças de atitudes e posturas corporais identificadas não apenas como próprias de um homem, mas como as únicas possíveis e que conformam aquilo que Robert Connell chama de masculinidade hegemônica”. De acordo com Badinter (1993) “ser homem é definido mais como um imperativo do que como uma realidade dada, imutável ou monolítica”.

Os maiores temores relatados pelos meninos nas aulas mistas está em perder a liberdade de expressão, a liberdade de demonstrar sua masculinidade, de jogar pra valer usando todo o seu potencial. Percebe-se esses sentimentos nas falas de dois meninos “Quando as gurias tão junto, já não é a mesma coisa né? Muda um pouco, no jeito de falar, não se pode falar muita coisa, tem que estar se cuidando mais pra não falar palavrão, essas coisas” (8H). “Separadas, eu acho melhor, pelo fato de os guris ter mais liberdade pra falar certas coisas que perto de menina não pode, né?” (1H).

A importância dessas declarações dos meninos está no sentido de que eles se preocupam com a integridade do sexo oposto, eles têm consciência de que devem ter um cuidado maior na presença das meninas. Nesse sentido cabe questionar: o argumento da perda de liberdade de expressão justificaria a separação das turmas? Ou o desafio poderia ser a discussão sobre esses valores?

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os professores da escola os objetivos das aulas de Educação Física são melhores alcançados quando se trabalham com turmas masculinas e femininas. Eles são firmes em suas argumentações, os dois possuem discursos muito parecidos quando tentam explicar os motivos da separação. Eles salientam a falta de motivação das meninas e acreditam que separando as turmas estariam garantindo o bom andamento da aula e preservando o interesse dos meninos em participar. Ambos os professores admitem não encontrarem uma maneira de manter o nível de motivação e participação dos alunos, principalmente, das meninas em turmas mistas.

A responsabilidade sobre o fracasso em conquistar o interesse das meninas não é assumida pelos professores, a falta de motivação para as aulas de Educação Física é atribuída à natureza do sexo feminino, nas palavras dos professores “característica mesmo delas” ou “diferença de personalidade”, na visão deles a situação em que elas se encontram é determinada pelas suas características biológicas, portanto, não é passível de transformação.

Outro aspecto a ser destacado é uma certa indiferença sobre a forma de organização das turmas, evidenciada nas palavras da supervisora ao dizer que nunca foi feita uma reflexão sobre o assunto na escola. Mesmo havendo posições discordantes, não há indícios de que haja algum movimento no sentido de questionar a maneira como os professores organizam suas aulas. A decisão sobre a separação é acatada pela direção da escola ficando também constatado que enquanto não houver manifestações das controvérsias, parece não haver necessidade de mudar o que já está implantado.

Percebe-se na escola uma cultura machista, em que homens são vistos como mais habilidosos e participativos. Já mulheres apresentam muitas dificuldades e não gostam de esforço físico. Esta predeterminação reflete na escola e na Educação Física, nesta perspectiva percebe-se uma Educação Física tecnicista e sexista, onde, o rendimento e as habilidades motoras são valorizados e as atividades são enfatizadas de acordo com o sexo, definindo-se, ginástica e voleibol para as meninas e voleibol e futsal para os meninos.

A prática pedagógica nesta escola parece admitir a agressividade dos meninos que não é controlada nem por eles próprios e nem é trabalhada pelos professores, esta situação faz com que as meninas sintam-se ameaçadas e inseguras para participarem de forma intensiva das atividades propostas. Esse não engajamento das meninas nas aulas é naturalizado e justificado pelas diferenças biológicas e de personalidades entre os sexos.

A escola e os educadores precisam estar atentos para as reais necessidades dos estudantes sem discriminações. A naturalização da separação dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física, além de não oportunizar debates sobre questões de gênero na escola, reforça estereótipos que restringem o direito de participação, principalmente, das meninas nas atividades, porém, o simples fato de trabalhar com turmas mistas não garante sua inclusão.

Não existe uma fórmula perfeita de ministrar as aulas, um modelo fechado, estanque que atenda todas as necessidades dos educandos. As aulas coeducativas sugeridas por vários autores especialistas no estudo de gênero, talvez, possam atender melhor as necessidades dos alunos.

As personalidades, os contextos e situações são o que determinam a melhor forma de ministrar e organizar as aulas. É fato que o processo pedagógico e o currículo são atravessados por tensões e disputas de poder. É preciso sim, debater, questionar, analisar, testar exaustivamente todas as possibilidades para uma maior integração entre os discentes e docentes, onde o educador possa proporcionar uma ambiente favorável sem se acomodar e sem se eximir das responsabilidades.

Diante da presença do trabalho dos estagiários da ESEF/UFRGS junto aos alunos do Colégio Inácio Montanha, questiona-se: - será possível dinamizar novas metodologias e estratégias que possam instigar debates sobre a forma de organização das turmas e promover uma maior reflexão sobre os diferentes aspectos e concepções que perpassam o aproveitamento dos alunos nas aulas de Educação Física mistas ou separadas por sexo?

#### 4 REFERENCIAS

ABREU, N.; G. Meninos Pra Cá, Meninas Pra Lá? In: VOTRE, Sebastião (org.). **Ensino e Avaliação em Educação Física**. São Paulo: Ibrasa, 1993, p. 101-120.

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

ALTMANN, H. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BADINTER, E. **XY**: sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1993.

BETTI, M; ZULIANI, L. R. **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

CAVALEIRO, M. C.; VIANNA, C. Chutar é preciso? Masculinidades e Educação Física escolar. In KINIGINIK, J. D.; ZUZI, R. P. (Orgs). **Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

CASCO, P. Mais e melhores práticas para a inclusão de meninas na Educação Física escolar. In KINIGINIK, J. D.; ZUZI, R. P. (Orgs). **Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

CEMBRANEL, C. Aulas coeducativas: o que mudou no ensino da Educação Física, **Motrivivência**, Florianópolis, ano XI, nº 14, 2000.

COLLINS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Trad. Lucia Simonini. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. da. A Educação Física e a Co-educação: igualdade ou diferença? In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE**. v. 23. n.º2. PP. 43-54. jan. 2002. Campinas.

DEVIDE, F.; LIMA, F. R.; BATISTA, R. S.; RODRIGUES, F., S., J. Exclusão intrasexo em turmas femininas na Educação Física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero. In KINIGINIK, J. D.; ZUZI, R. P. (Orgs). **Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

**DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS**, <http://www.dicio.com.br>, acesso em 04 de maio de 2012.

FARIA JUNIOR, A. G. de. Modelo alternativo para a educação física brasileira. In: COSTA, L. P. da. **Desporto Comunitário e de Massa**. Rio de Janeiro: Palestra, 1981.

FLORES, G. J. **Análisis de datos cualitativos**. Aplicaciones a la investigación educativa. Barcelona: PPU, 1994.

GODOY, A.S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. da. (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 115-146.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. IN: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F. GOLLNER S. V. (orgs.) **Corpo, Sexualidade e Educação – Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOELLNER, S. V.; FRAGA, A. B. O espetáculo do corpo: mulheres e exercitação física no início do século XX. In: CARVALHO, M. J. S.; ROCHA, C. M. F. **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.161-171.

GOELLNER, S. V. Gênero. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 207-209.

GOMES P. B. Gênero, Coeducação e Educação Física. Implicações pedagógico-didáticas. Actas do **1º Congresso Internacional de Ciências do Desporto e Educação Física**. Porto: FCDEF-UP, 2000.

GOMES P. B.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. Para uma estrutura pedagógica renovada, promotora da coeducação no desporto. In.: SIMÕES, A. C.; KNIGINIK, J. D. (orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. pp. 173-189.

GOMES P. B.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. **Equidade na Educação Física e Desporto na Escola**. Porto: Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto, 2000. 72p.

HAYMAN, J. L. **Investigación y educación**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1974.

HANSEN, L.; BANGSBO, J.; TWISK, J.; KLAUSEN, K. Development of muscle strength in relation to training level and testosterone in young male soccer players. *Journal of Applied Physiology*, Bethesda, v.87, n.3, p.1141-7, 1999.

LAVOURA, T N. **Estados emocionais: a investigação do medo no contexto esportivo**. 2007. 399 f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade Humana. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, Instituto de Biociências, Unesp, Rio Claro, 2007

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAC AN GHAILL, M. **Deconstructing heterosexualities in school arenas**. *Curriculum Studies*, v. 4, no 2. Inglaterra, 1996, pp. 191-210.

MATURANA, U. **O Papel das Emoções na Educação e na Política**. BeloHorizonte: UFMG: Humanitas, 1999.

MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In.: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

MOLINA, R. M. K. “O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória”. In.: MOLINA, V. N. e TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). **A Pesquisa**

**Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas.** 3 ed. Porto Alegre. Sulina, 2010.

MOLINA, V. N.;TRIVIÑOS, A. N. S. (orgs). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas.** Porto Alegre: Editora Universidade, 1999.

NEGRINE, A. “instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa”. In.: MOLINA, V. N.;TRIVIÑOS, A. N. S. (orgs). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas.** 3 ed. Porto Alegre. Sulina, 2010.

OLIVEIRA, G. K. de. **As aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? – uma análise comparativa dos aspectos motores e sociais.** Campinas, 1996. 148p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. 1996.

PAIM, M. C. C. **Fatores motivacionais e desempenho no futebol.** Revista Virtual EF Artigos, Natal, v. 2, n. 6, 2004.

RAMIRES NETO, L. **Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo:** FEUSP, Dissertação (Mestrado). 2006.

ROMERO, E. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física,** São Paulo, 1990, 407p. Tese (Doutorado em Ciências), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.1990.

ROMERO, E. As meninas babam o jogo e os meninos são mandões. In KINIGINIK, J. D.; ZUZI, R. P. (Orgs). **Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e corporeidade no século XXI.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

SACRISTÁN, J. G. “Currículo e diversidade cultural”. In: SILVA, Tomaz Tadeu e MOREIRA, A. F. (orgs.). **Territórios contestados; currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1995, pp. 82-113.

SARAIVA, M. do C. **Co-educação Física e Esportes: quando a diferença é mito.** Ijuí: Unijuí, 1999.

SARAIVA, M. do C. **Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer?** *Motrivivência*, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo : Cortez, 1987. Porto Alegre, v. L20, n. 2, p.71-99, 1995.

SCAGLIA & GOMES. O jogo e a competição: investigações preliminares. In: VENÂNCIO, S & FREIRE, J. B (orgs) **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, Autores Associados, 2005. p. 139-156.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. *Educação e Realidade*, V.20(2), 1995.

SCOTT, J. “**Deconstructing equality versus difference: Or the uses of poststructuralist theory for feminism**”. *Feminist Studies*, v. 14 no 1, 1988, pp. 33-49.

SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

STAKE, R. E. The case study method in social inquiry. In: GOMM, R.; HAMMERSLEY, M.; FOSTER, P. **Case study methods: key issues, key texts**. London: Sage Publications, 2000.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.

## **APÊNDICE A - PAUTA DA OBSERVAÇÃO**

Serão observadas as turmas no horário da aula de Educação Física. A observação será realizada em um total de seis aulas: duas aulas em turma mista duas em turma feminina e duas em turma masculina. Será observado o comportamento e atitude dos alunos em diferentes momentos: durante o deslocamento para o local da aula; na introdução; na aula propriamente dita e no encerramento. Serão relatados os conteúdos ministrados pelos professores, bem como as atitudes dos alunos nas diferentes atividades desenvolvidas durante as aulas. Também serão observadas impressões, comentários, gestos de satisfação ou insatisfação e o relacionamento entre alunos e professores.

**APÊNDICE B - PAUTA DA ENTREVISTA COM OS ALUNOS**

- 1- Como você vê a organização das aulas de Educação Física mistas ou separada por sexo?
  - a) O que acha das aulas mistas? Por quê?
  - b) E das aulas separadas? Por quê?
- 2- As aulas poderiam ser ora mista, ora separadas? Por quê?
- 3- Que atividade mais gosta de realizar quando as aulas são mistas?
- 4- E quando são separadas?
- 5- O que mais gostaria de falar sobre as aulas de Educação Física nesse aspecto de serem mistas ou separadas. Tem mais alguma coisa que lhe chama a atenção?

### **APÊNDICE C - PAUTA DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES**

- 1- Por que as turmas são separadas por sexo nas aulas de Educação Física?
- 2- Por que algumas turmas permanecem mistas? Quantas?
- 3- Você percebe alguma diferença entre os alunos das turmas mistas ou separadas por sexo?
- 4- De uma forma geral, com você considera o perfil dos alunos desta escola?
  - a) Nas aulas de Educação Física. (violentos, competitivos, habilidosos, extrovertidos, etc.).
  - b) Em relação às turmas mistas e separadas. (peculiaridades).
- 5- Que tipo de atividades os alunos preferem? Alguma marca/característica para meninos e meninas?
- 6- Que conteúdos são trabalhados nas aulas? São os mesmos para meninos e meninas?
- 7- Como é feita a avaliação?

**APÊNDICE D - PAUTA DA ENTREVISTA COM A DIREÇÃO DA ESCOLA**

- 1- De um modo geral, como são os alunos desta escola? (classe social, idade...)
- 2- Como você vê a organização das aulas de Educação Física mistas e separadas por sexo?
- 3- Existe alguma orientação da escola para que os professores separem os alunos por sexo nas aulas de Educação Física?
- 4- Qual a posição da escola referente aos dois tipos de organização?
- 5- Em alguma outra disciplina ou atividade na escola os alunos são separados por sexo?

## ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um estudo sobre “Aulas de Educação Física no Ensino Médio mistas e separadas por sexo: quais as implicações no comportamento e aproveitamento dos alunos de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre?”. Peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

### **Objetivos do Estudo:**

Refletir sobre as possíveis implicações da organização das turmas separadas por sexo ou mista no comportamento e aproveitamento dos alunos nas aulas de Educação Física. Bem como, esclarecer as razões que levam os professores de Educação Física da escola a separarem os alunos por sexo. Conhecer a posição da direção da escola sobre a decisão de separar. Compreender a visão dos alunos sobre as aulas mistas e separadas. Identificar quais as possíveis vantagens e desvantagens decorrentes da separação.

### **Procedimentos:**

Durante a realização do trabalho de campo, as informações para este estudo serão coletadas através de: observações de aulas e entrevistas. Todos os registros bem como o relatório final deste estudo serão devolvidos para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas. A qualquer momento os participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

### **Benefícios da pesquisa:**

Este estudo poderá contribuir com as reflexões sobre questões de gênero nas aulas de EFI bem como oportunizará a ampliação do debate sobre aulas mistas ou separadas por sexo nessa disciplina. Possibilitará ainda gerar publicações que possibilitem a socialização dos conhecimentos produzidos e apontar demandas para novos estudos sobre o tema.

**Confidencialidade:** Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade do pesquisador, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

**Voluntariedade:** A recusa do participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta das informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

### **Contatos:**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Escola de Educação Física  
Endereço: Rua Felizardo, nº 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS  
Orientadora da Pesquisa: Professora Denise Grosso da Fonseca  
E-mail: [dgf.ez@terra.com.br](mailto:dgf.ez@terra.com.br) Telefone: (51) 32423395 - 93231963  
Aluno: Jose Paulo Barbosa  
E-mail: [zepaloufrgs@gmail.com](mailto:zepaloufrgs@gmail.com) Telefone: (51) 32454401  
Telefone de contato: (51)32454401/84945195/92191851

Eu \_\_\_\_\_, professor da Rede Estadual de Ensino de Porto Alegre, tendo lido as informações oferecidas acima e tendo sido esclarecido das questões referentes à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_

**ANEXO B - DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA**

**Nome da Escola:** \_\_\_\_\_

**Nome do(a) Diretor(a):** \_\_\_\_\_

**Endereço** \_\_\_\_\_

Declaro que o pesquisador José Paulo Barbosa está autorizado a realizar coleta de informações para a pesquisa intitulada: **“Aulas no Ensino Médio mistas e separadas por sexo: quais as implicações no comportamento e aproveitamento dos alunos de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre?”** a partir do mês de outubro de 2012.

Tenho conhecimento de que o pesquisador objetiva: **Refletir sobre as possíveis implicações da organização das turmas separadas por sexo ou mista no comportamento e aproveitamento dos alunos nas aulas de Educação Física. Bem como, esclarecer as razões que levam os professores de Educação Física da escola a separarem os alunos por sexo. Conhecer a posição da direção da escola sobre a decisão de separar. Compreender a visão dos alunos sobre as aulas mistas e separadas. Identificar quais as possíveis vantagens e desvantagens decorrentes da separação.**

Para efetivar a coleta das informações o professor terá permissão para realizar observações de aulas e entrevistas com os professores.

Estou ciente de que o pesquisador preservará a identidade dos sujeitos participantes e observará os procedimentos éticos no manejo das informações obtidas. As atividades do pesquisador deverão ser executadas com planejamento prévio e sem prejuízo nas atividades da comunidade escolar.

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura e carimbo da Direção da Escola